

# A OPÇÃO PELOS POBRES E A EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA NA OCUPAÇÃO IV

*Manuel José de Godoy\**

*Moisés Geremia\*\**

**Resumo:** a Igreja, inspirada pela Palavra, tem um compromisso concreto perante as realidades de pobreza e de exclusão. Como cristãos e cidadãos, compreendemos a necessidade de ir ao encontro daqueles que mais precisam e assumir com eles a luta pela libertação e pela dignidade para todos. Tal postura de vida exige abertura e sensibilidade interior.

**Palavras-chave:** ocupação; missão, Reino de Deus, comunidade, pobres.

## Considerações iniciais

Vivemos num contexto complexo e marcado por muitas desigualdades. A situação de pobreza e as injustiças resultam de um processo histórico perverso e injustificável que, atualmente, é intensificado pelo projeto capitalista neoliberal. Em função desta realidade cruel e de exílio social, muitas pessoas não têm acesso à terra, à moradia e ao emprego; daí entendemos o motivo pelo qual surgem, em nossos dias, tantas ocupações rurais e urbanas. Neste texto o eixo de análise toma como referência a Ocupação IV, localizada no Bairro José Alexandre Zachia, de Passo Fundo.

A Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja apontam, profeticamente, para a necessidade de optar verdadeiramente pelos pobres, até porque não há verdadeiro seguimento a Jesus sem esse elemento. Como cristãos, somos convidados a transformar positivamente nossa realidade, construindo o Reino de Deus.

\* Mestre em Práxis Cristã pela Faculdade Jesuíta-Faje/BH onde leciona e supervisiona os estágios pastorais dos Acadêmicos de graduação em Teologia.

\*\* Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – ITEPA Faculdades. Diácono da Arquidiocese de Passo Fundo.

## 1 O contexto mais amplo

Há muito tempo as desigualdades existem entre nós. Mesmo que algumas leis assegurem a igualdade para toda a população, na concretude da vida não é isso que acontece. De fato, enquanto muitas pessoas vivem na exclusão, pequenos grupos ostentam privilégios e riqueza. Neste ponto, apenas analisamos brevemente algumas questões ligadas à propriedade e à moradia; entretanto, sabemos que existe uma reflexão ampla e profunda acerca desta temática.

### 1.1 O problema da propriedade

O acesso à terra e à moradia digna são direitos humanos fundamentais, consagrados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (artigo XXV, item 1) que diz: “toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação”. Esses mesmos direitos foram ratificados pela Constituição Federal de 1988, art. 6º nos termos que seguem: “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Entretanto, desde o período colonial a nossa história é marcada por injustiças. A estrutura fundiária do Brasil, segregada e privatista, pouco mudou, seja no passado ou no momento presente. Segundo Camacho, “[...] o Brasil, durante toda sua história, sempre foi controlado por uma aristocracia [...] que utilizou seu poder econômico e político para garantir que a distribuição da terra não fosse feita de maneira igualitária [...]”<sup>1</sup>.

---

1 Rodrigo Simão CAMACHO, *A histórica concentração fundiária do Brasil: estudo de caso do município de Paulicéia/SP*, p.48.

Infelizmente, grande parte da terra está concentrada nas mãos de poucos grupos familiares, que institucionalizam e perpetuam seus privilégios, enquanto muitos brasileiros estão excluídos do direito de propriedade. O resultado disso é a produção de uma sociedade marcada por conflitos no campo e na cidade, pois “[...] a concentração fundiária [...] causa o desemprego, subemprego, segregação socioespacial, favelização, violência, [...] etc”<sup>2</sup>. De acordo com os dados preliminares do Censo Agropecuário de 2017, 2,4 mil fazendas com mais de 10 mil hectares (100 km<sup>2</sup> ou 14 mil campos de futebol cada), ocupam mais área produtiva do que 4,1 milhões de pequenas propriedades rurais<sup>3</sup>. Diversos desses latifúndios, maiores que alguns Estados do nosso país<sup>4</sup>, são completamente ociosos e não cumprem a sua função social. Transformada em mercadoria acessível somente a uma determinada classe, a terra deixa de ser dom de Deus. Além disso, o sistema da monocultura e o uso frequente de agrotóxicos trazem sérias consequências para o meio ambiente e a vida em geral. Segundo Elli Benincá, essa realidade pode ser mudada:

A propriedade não é um dado objetivado e natural. É, sim, uma das mediações utilizadas pelos homens para se relacionarem economicamente entre si. É, portanto, uma “relação”, e, como tal, um produto humano sujeito a transformações e mudanças. O atual modelo de propriedade pode, portanto, ser alterado. Basta que as condições históricas o permitam e que os homens o queiram. Esta possibilidade de mudança na relação “propriedade” assusta a todos quantos usufruem dos benefícios da propriedade individualizada e garantida pelo sistema econômico capitalista<sup>5</sup>.

2 *Ibidem*, p.44.

3 Rute PINA, *No Brasil, 2 mil latifúndios ocupam área maior que 4 milhões de propriedades rurais*: nova edição do Censo Agropecuário atualizou dados do Brasil agrário; o arrendamento de terras dobrou em 11 anos.

4 Rodrigo Simão CAMACHO, *A histórica concentração fundiária do Brasil*: estudo de caso do município de Paulicéia/SP, p.49.

5 *Conflito religioso e práxis*: o conflito religioso na ação política dos acampamentos de Encruzilhada Natalino e da Fazenda Annoni, p.105.

## 1.2 O problema da moradia

A questão da moradia também é preocupante: segundo dados publicados pela British Broadcasting Corporation (BBC), nosso país tem 6,9 milhões de famílias sem casa e 6 milhões de imóveis vazios<sup>6</sup>. De fato, o modelo de cidade capitalista não compreende um planejamento voltado para as maiorias pobres, que são cada vez mais excluídas dos grandes centros urbanos. Esse sistema perverso e selvagem transforma tudo em mercadoria, inclusive os direitos conquistados com muita luta. Nesse sentido,

Expulsando os mais pobres do centro, os especuladores de terra e empreiteiros veem seus condomínios de luxo, prédios de escritório e outras obras se valorizarem cada vez mais. Mantendo a saúde pública precária, ganham as empresas de planos de saúde; mantendo a educação pública precária, ganham os donos de escolas particulares; mantendo transporte público precário, ganham as grandes empresas de produção de automóveis; e assim por diante [...]<sup>7</sup>.

É interessante analisar essa lógica a partir do olhar de quem é vitimizado por ela, como no relato a seguir, escrito por membros de um movimento social que luta pelo direito à moradia:

As cidades em que vivemos são divididas por grandes muros invisíveis. De um lado está a cidade dos ricos, onde tudo funciona bem: com muito luxo, universidades, hospitais. Lá, só entramos pela porta dos fundos e pelo elevador de serviço. Do outro lado do muro estão as periferias, onde falta tudo. Aqui, o governo só aparece com a polícia para nos humilhar e reprimir<sup>8</sup>.

6 Fernanda ODILLA, Nathalia PASSARINHO; Luís BARRUCHO. Brasil tem 6,9 milhões de famílias sem casa e 6 milhões de imóveis vazios, diz urbanista.

7 As linhas políticas do MTST. Disponível em: <[www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/](http://www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/)>.

8 As linhas políticas do MTST. Disponível em: <[www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/](http://www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/)>.

Também se observa hoje um fenômeno diferente em grandes metrópoles: o esvaziamento e o abandono do centro, muitas vezes formados por grandes favelas verticais, onde os mais pobres ocupam prédios ociosos. O povo em situação de rua e as áreas de drogados, conhecidas como cracolândias, também se tornam cada vez mais comuns em regiões centrais. Em função disso, uma parcela dos ricos tem preferido condomínios de luxo, distantes dos centros das cidades.

Diante dessa realidade cruel em que os mais pobres não têm garantido o direito à moradia, nem vigoram políticas habitacionais eficazes, a única saída vislumbrada por milhares de pessoas, é a ocupação de espaços vazios, públicos ou mesmo privados. Construídas à sombra da ilegalidade, as ocupações geralmente se formam em condições extremamente precárias, de miséria e sem qualquer urbanização<sup>9</sup>. Diversas ocupações recentes são maiores que muitos municípios brasileiros em termos populacionais, como é o caso da ocupação Izidora, em Belo Horizonte, que iniciou em 2013 e hoje reúne cerca de 30 mil pessoas numa área de aproximadamente 900 hectares. “As ocupações são o grito de um povo que não suporta mais viver calado em seus buracos. Que não suporta mais ter que escolher entre comer e pagar aluguel, nem continuar sofrendo humilhações por viver de favor na casa de alguém”<sup>10</sup>.

## 2 A Sagrada Escritura: um Deus que está ao lado dos pobres

A Sagrada Escritura abre horizontes de esperança em relação à temática deste trabalho. Segundo Gutiérrez, “toda a Bíblia, desde o relato de Caim e Abel, está marcada pelo amor de predileção de Deus pelos fracos e maltratados da história

9 Outros casos acontecem em áreas mais centrais, em edificações vazias.

10 *As linhas políticas do MTST*. Disponível em: <[www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/](http://www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/)>.

humana”<sup>11</sup>; esta opção profética pelos oprimidos envolve as três Pessoas da Trindade: o Pai (Ex 3,7-10; 20,2; Mt 11,25-26), o Filho (Lc 4,16-21) e o Espírito Santo (Lc 4,18-19).

Na linguagem bíblica os pobres formam a categoria social daqueles que não têm possibilidade de realizar-se humanamente e são impedidos de ter e de ser por causa da injustiça, da violência e da natureza neoliberal do projeto político que orienta a constituição e os movimentos da sociedade no seu estágio atual. Na Escritura a pobreza é sentida como um escândalo, ligada ao pecado. Já o pobre, enquanto sujeito, é entendido como um “lugar sagrado” habitado por Deus, e a libertação dele caracteriza o verdadeiro culto ao Criador.

## 2.1 Processo Exodal

O projeto histórico do êxodo, que ocorreu por volta do ano 1250 a.C., representa um modelo inspirador para a caminhada daqueles que lutam por libertação e pode ser visto como um processo que ocorreu em etapas. Inicialmente os hebreus tomaram consciência da sua própria condição. Eles viram que a sociedade egípcia daquele tempo, era piramidal, organizada em classes. Na base dela estava o povo simples, escravizado, injustiçado, sem-terra, moradia, e condições de vida. Acima dele encontravam-se os sacerdotes e os soldados que trabalhavam para legitimar aquela estrutura perversa. O Faraó, que dominava a ponta da pirâmide, tinha todo o poder, as terras, e explorava os pobres. O texto de Gn 47,13-26 mostra que a política agrícola do Egito realmente fez a população perder o dinheiro, os animais e as suas propriedades lentamente. Inicialmente, eles pensaram que a seca era a grande responsável pelo sofrimento, porém, gradativamente o povo tomou consciência da política opressora do Faraó e dos poderosos.

Naquele contexto a vida era muito amarga e os que mais

---

11 Apud Benedito FERRARO, *Opção pelos pobres no documento de Aparecida*.

sofriam sonhavam com uma terra onde corresse “leite e mel” (Ex 3,8; Dt 8,7-10). Diante dessa realidade cruel, Deus revelou-se como Javé, o libertador dos oprimidos. De fato, Ele não se mostrou insensível, neutro e à margem dos acontecimentos, à semelhança dos ídolos, mas tomou posição e interveio na história para transformar radicalmente a sociedade que oprimia e acumulava, a fim de construir um projeto completamente novo a partir dos pobres. Por isso, o seu objetivo não era simplesmente “fazer reformas” na velha estrutura social sem mexer na raiz do problema.

Javé disse: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. <sup>8</sup>Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel, o território dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus. <sup>9</sup>O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e eu estou vendo a opressão com que os egípcios os atormentam. <sup>10</sup>Por isso, vá. Eu envio você ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (Ex 3,7-10).

O livro do Êxodo (3,7-10) apresenta cinco atitudes fundamentais que definem o agir de Javé diante da opressão: 1. Ele vê a realidade, a miséria do seu povo; 2. Ele ouve o grito e os gemidos dos sofredores; 3. Ele conhece, ou seja, sabe que os oprimidos são vítimas de um sistema injusto, excludente e assassino; 4. Ele desce e se abaixa para cuidar da vida mais ameaçada; 5. Ele é solidário, desafia e faz os pobres subir para um espaço repleto de dignidade e de liberdade. Por isso, quem não ouve, não desce, não vê e não se sensibiliza, também não liberta ninguém. Essa opção de Deus comprometeu Moisés, Mirian e Araão, desestabilizou os poderosos da época e, ainda hoje, é escandalosa para muitas pessoas e envolve a todos.

A libertação dos Hebreus não aconteceu de forma mágica, mas exigiu organização, abertura e coragem para mudar de

mentalidade, colocar-se a caminho, deixar de lado a aparente “segurança” que a velha sociedade proporcionava, superar a acomodação e a tentação de voltar para trás e de não assumir o processo, esperando que a solução viesse “de cima” (16,1-36). A celebração da Páscoa dos hebreus, feita antes da partida, foi um aspecto muito importante no processo de libertação, pois deu sentido para a luta e garantiu a experiência mística com o Deus Javé. Era necessário assumir um novo modo de vida para chegar à Terra Prometida. Nesse sentido, o deserto foi um espaço necessário de confronto e de reeducação para estabelecer práticas diferenciadas e relações sociais igualitárias, participativas, solidárias e comunitárias. Assim, o êxodo só foi possível com a união de várias mãos. Hoje, nós somos esse povo que caminha com a esperança de dias melhores, nos quais todos tenham terra, moradia e condições para viver com dignidade.

## 2.2 O caminho de Jesus

O Novo Testamento oferece o “caminho que ultrapassa a todos” (1Cor 12,31), que é o do amor. Deus é amor (1Jo 4,8), o Filho é o enviado do Amor (Jo 3,16) e o centro da boa notícia é o mandamento do amor ao próximo (Jo 15,12-17), concretizado na opção pelos pobres. Jesus de Nazaré revelou-nos um Deus compassivo com os pobres e realizou seu projeto na pobreza, com vitalidade, sentido e alegria.

O Mistério da Encarnação é o ato mais sublime de humildade feito por de Deus em favor da humanidade. O Verbo, segundo São Paulo, esvaziou-se de si mesmo, de “seu ser Deus”, e se fez homem (Fl 2,7), pobre (2Cor 8,9). Sobre isso, o Papa Francisco disse:

Esta salvação veio a nós, através do “sim” de uma jovem humilde, de uma pequena povoação perdida na periferia de um grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo,



juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia [...] pagar um cordeiro (cf. Lc 2,24; Lv 5,7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão. Quando começou a anunciar o Reino, seguiam-No multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: “o Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração [...] (Lc 6,20) [...] e com eles Se identificou [...] (cf. Mt 25,34-40)<sup>12</sup>.

A libertação dos oprimidos é primordial (Lc 4,18-20) no projeto de Jesus e critério de salvação (Mt 7,21; 25,31-46). O texto de Mt 5,1-12 recorda-nos de que “[...] Deus se identifica com o destino dos que sofrem e os assume como seu; que eles são [...] seu corpo, sua presença viva, questionadora, na história dos homens”<sup>13</sup>. De fato, não há bem-aventurança para a ideologia dos fariseus, nem para a dos escribas, nem para o sistema dos saduceus, dos sacerdotes, dos ricos e poderosos. A prática deles não revela o Reino. É na prática dos pobres que desponta, ainda que de longe, a nova criação<sup>14</sup>.

As bem-aventuranças nos afirmam que para descobrir os sinais da presença do Reino no mundo, é preciso abrir os olhos e ouvidos para os pobres de Deus! (e para Deus)<sup>15</sup>, sujeitos do Reino; somente deles pode surgir um caminho alternativo. A expressão “pobres em espírito” (Mt 5,3) refere-se às pessoas que vivem as bem-aventuranças, ou seja: a) lutam para que todos tenham terra e moradia, consolam os aflitos, saciam os que têm fome e sede de justiça, b) optam em ser compassivos/misericordiosos, puros de coração e promovem a paz e, c) conseqüentemente, sofrem a perseguição por causa da

12 EG 197.

13 Carlos BRAVO GALLARDO, Mateus: Boas-novas para os pobres-perseguidos, *Ribla*, p.39.

14 Carlos MESTERS, “Ouvi o clamor do meu povo”, *Estudos bíblicos* 26, p.62.

15 Carlos MESTERS, “Ouvi o clamor do meu povo”, *Estudos bíblicos* 26, p.62.

sua maneira de ser. Os pobres em espírito são os que têm o mesmo estilo de vida de Jesus<sup>16</sup> e colocam a justiça do Reino em primeiro lugar<sup>17</sup>.

As forças do antirreino, que oprimem e destroem os pobres, mataram a Jesus, mas Deus o ressuscitou (At 2,23-24; 3,13-15; 4,10-12; 5,30-31; 10,39-40; 13,28-30) e o revelou como Senhor e Cristo (At 2,36, Senhor e Deus (Jo 20,28), Filho de Deus (At 13,33). A ressurreição de Jesus foi um evento inesperado, pois quem ressuscitou foi um pobre e crucificado, confirmando que Deus está ao lado das vítimas e não dos algozes. Por isso, a nossa fé nasce<sup>18</sup> parcial, a partir do descartado. Kurt Marti expressa essa ideia da seguinte forma:

Poderia convir a muitos senhores  
se com a morte tudo ficasse como está  
se o senhorio dos senhores  
e a servidão dos servos  
fosse confirmada para sempre  
é o que conviria a muitos senhores

16 A mentalidade hebraica compreende o “Espírito” na totalidade do homem, caracterizado por um estilo de vida que se guia pelo “espírito” e não pela “carne”. No dizer de Juan Mateos e Fernando Camacho “o termo ‘espírito’, na concepção semita, conota sempre força e atividade vital. [...] O sentido da bem-aventurança é, portanto, ‘os pobres por decisão’, opondo-se a ‘os pobres por necessidades’. É a interpretação que o próprio Jesus propõe em 6,24, a opção entre dois senhores, Deus e o dinheiro [...]. A pobreza a que Jesus convida significa a renúncia a acumular e reter bens, a considerar algo como exclusivamente próprio; esses pobres estarão sempre dispostos a compartilhar o que têm. Assim o explica Jesus no episódio dos pães (14,13-23; 15,32-39)”. (*O Evangelho de Mateus*, p.57-58). Em outras palavras, há duas chaves de leitura para compreendermos a expressão “pobres em espírito”: 1. Chave de leitura antropológica, na qual eles são entendidos como pessoas sem caráter, fragmentadas, dúbias e possessivas (nós, porém, nos referimos a estes utilizando a expressão “pobres de espírito”, como explicamos acima); 2. Chave de leitura teológica, em que o pobre em espírito é o que luta pela vida e acolhe a vontade do Pai. Isto se evidencia, de modo especial, em Maria e em Jesus de Nazaré.

17 Sandro GALLAZZI, Felizes os pobres no Espírito, *Estudos bíblicos* 45, p.34.

18 Jon SOBRINO, *A fé em Jesus Cristo*, p.105-106.

se por toda eternidade  
permanecessem senhores em seus caros jazigos particulares  
e seus servos  
permanecessem servos em simples túmulos rasos um ao lado do outro  
porém vem aí uma ressurreição  
que é diferente, bem diferente do que imaginávamos  
vem aí uma ressurreição que é  
a insurreição de Deus contra os senhores  
e contra o senhor de todos os senhores: a morte<sup>19</sup>.

O corpo glorioso de Jesus, que está nos céus, sofreu e foi considerado inimigo de César e da religião oficial. Porém, ao ressuscitar, Jesus mostrou que as forças da morte não têm mais a última palavra; o Projeto de Deus - que nos remete ao cuidado com os corpos sagrados dos feridos, doentes e marginalizados - pode ser concretizado. Com a ressurreição de Jesus compreendemos que a vida ganha sentido quando é colocada no caminho das bem-aventuranças, marcada pela verdade e pela justiça.

### 3 A Igreja nas pegadas da Palavra

A Igreja coloca-se a serviço do Reino de Deus. Por isso, sua missão, inspirada em Jesus de Nazaré, tem como centralidade o cuidado com os últimos. “A preferência pelos pobres expressa o lócus de onde a Igreja evangeliza e se mantém fiel à própria revelação de Deus em Cristo, que assumiu a pobreza como lócus da sua encarnação, paixão, morte e ressurreição”<sup>20</sup>.

Segundo a *Gaudium et Spes*, “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de

---

19 Apud Luis Marcos SANDER, *Jesus o libertador: a cristologia da libertação de Leonardo Boff*, p.183s.

20 Paulo Sérgio Lopes GONÇALVES, *Os pobres como perspectiva em Medellín*, p.169.

Cristo”<sup>21</sup>. Nesta mesma linha, esse documento afirma que, em nossos tempos

[...] Aumenta a consciência da eminente dignidade da pessoa humana, por ser superior a todas as coisas e os seus direitos e deveres serem universais e invioláveis. É necessário, portanto, tornar acessíveis ao homem todas as coisas de que necessita para levar uma vida verdadeiramente humana: alimento, vestuário, casa, direito de escolher livremente o estado de vida e de constituir família, direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à conveniente informação, direito de agir segundo as normas da própria consciência, direito à proteção da sua vida e à justa liberdade mesmo em matéria religiosa. A ordem social e o seu progresso devem, pois, reverter sempre em bem das pessoas [...]; Essa ordem, fundada na verdade, construída sobre a justiça e vivificada pelo amor, deve ser cada vez mais desenvolvida e, na liberdade, deve encontrar um equilíbrio cada vez mais humano. Para o conseguir, será necessária a renovação da mentalidade e a introdução de amplas reformas sociais<sup>22</sup>.

A partir do Vaticano II, a opção pelos pobres – muito presente na caminhada latino-americana e caribenha – despertou intensas discussões, marcadas por diversas tensões, incompreensões e tentativas de enfraquecer suas implicações práticas. Em 1968, ocorreu a segunda Conferência do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), em Medellín, na Colômbia. Num momento de muita tensão, o Documento final deste encontro expôs com grande profecia algumas conclusões. Uma delas é a constatação de que a América Latina vive uma dura realidade de injustiça social e de violência institucionalizada (Medellín, Paz, 16), que gera tensões, impede a construção da paz e agride a dignidade humana. Enquanto isso, um número cada vez menor de pessoas enriquece.

---

21 GS 1.

22 GS 26.

Essa situação narrada sociologicamente é fruto de um processo de colonização que gerou subdesenvolvimento, que, para sociólogos da teoria da dependência, nada mais é do que uma história de dependência deste Continente em relação a outras nações, que gerou um fecundo processo de exploração dos povos deste Continente<sup>23</sup>.

Em Medellín, os bispos ainda chamaram a atenção para a lamentável insensibilidade dos setores mais favorecidos em relação à miséria dos marginalizados, ferindo a dignidade humana. Segundo eles,

Devemos tornar mais aguda a consciência do dever de solidariedade para com os pobres. Esta solidariedade significará fazer nossos seus problemas e lutas e saber falar por eles. Isto se concretizará na denúncia da injustiça e opressão, na luta contra a intolerável situação em que se encontra frequentes vezes o pobre e na disposição de dialogar com os grupos responsáveis por esta situação a fim de fazê-los compreender suas obrigações (Medellín, pobreza da Igreja, n.10).

Outro aspecto importante, ressaltado pelo documento de Medellín, é de que a Igreja, sobretudo através de seus ministros, é chamada a dar testemunho de pobreza através da simplicidade, sem ostentação e aparato. Por isso, ela necessita de conversão radical para “[...] ser pobre, [...] conviver com os pobres e [...] viver para os pobres”<sup>24</sup>. De fato, descobrir no rosto sofredor dos pobres o próprio Cristo (Mt 25,31-46) é algo que impele todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. Além disso, “a pobreza na Igreja indica um espírito de diálogo com o mundo, de aproximação das entidades diferentes, tanto em termos religiosos quanto científicos, de despojamento do espírito de triunfalismo e adesão a um espírito de humildade

23 Paulo Sérgio Lopes GONÇALVES, *Os pobres como perspectiva em Medellín*, p.165.

24 *Ibidem*, p.161.

denotativo do aggiornamento [...]”<sup>25</sup>. Com essa espiritualidade, a caridade e a justiça tornam-se possíveis. Essa justiça – fruto do amor e fundamento para a paz – somente pode se efetivar mediante um processo pelo qual os pobres sejam os próprios sujeitos históricos, organizados em meios diversos, unidos coletivamente e conscientizados, capazes de transformar a realidade social e eclesial.

A Igreja compromete-se com os pobres quando denuncia de maneira enérgica o poder exercido injustamente pelos grupos dominantes, os abusos e as consequências injustas das desigualdades entre ricos e pobres, os investimentos armamentistas e a política neocolonialista, que falaciosamente promove a manutenção da paz e da ordem.

Essa crise da justiça e da paz, concretizada através de diversas turbulências e de injustiças, afeta a família, já atingida pela urbanização, pelas contradições sistêmicas do desenvolvimento, pelo desequilíbrio demográfico e pela desestabilização social. Desse modo, a família perde a sua importância para a sociedade e enfrenta alguns problemas, como a degradação, a acentuação do hedonismo e do erotismo, a precária formação dos jovens, a desproporção entre salários e condições reais de vida familiar.

Alguns anos mais tarde, outros dois documentos do CELAM mereceram destaque: o Documento de Puebla e o Documento de Santo Domingo. O primeiro reconheceu a desigualdade crescente entre ricos e pobres como um pecado social, contrário ao plano do Criador e sustentou que há necessidade da conversão eclesial para uma opção preferencial pelos pobres, tendo como meta a libertação integral deles. O segundo documento também frisou a importância de uma “[...] opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, mas não exclusiva e nem excludente [...]”<sup>26</sup>. Os bispos afirmaram:

25 *Ibidem*, p.162.

26 Benedito FERRARO, *Opção pelos pobres no Documento de Aparecida*, p.11.

Comove-nos até as entranhas ver a multidão de homens e mulheres, crianças e jovens e anciãos que sofrem o insuportável peso da miséria, assim como diversas formas de exclusão social, étnica e cultural; são pessoas humanas concretas e irrepetíveis que veem seus horizontes cada vez mais fechados e sua dignidade desconhecida (Documento de Santo Domingo, n. 179).

O Documento de Aparecida, nesta mesma linha, coloca a vida, em todas as suas dimensões, como grande objetivo a ser defendido. No discurso inaugural desta Conferência, o Papa Bento XVI disse: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica [...]”<sup>27</sup>. Ele recordou que Deus se fez pobre para nos enriquecer e que como discípulos-missionários somos chamados a contemplar neles o rosto do próprio Senhor: “tudo o que tem a ver com Cristo tem a ver com os pobres e tudo o que estiver relacionado com os pobres está relacionado com Jesus Cristo [...]”<sup>28</sup>. Por isso, o Documento de Aparecida afirma que (48; 454) assume-se, na opção pelos pobres, também a defesa da ecologia. Os bispos ainda sustentaram:

De nossa fé em Cristo brota também a solidariedade como atitude permanente de encontro, fraternidade e serviço, que se há de manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos e no permanente acompanhamento de seus esforços por serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação<sup>29</sup>.

O Papa Francisco também comentou muitas vezes que, “[...] hoje e sempre, ‘os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho’, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer”<sup>30</sup>. Deus está com os

27 Bento XVI. “Discurso na sessão inaugural da V Conferência-Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe”, In: *Palavras do Papa Bento XVI no Brasil*, p.111.

28 DAp 393.

29 DAp 394.

30 EG 48.

pobres, e nós não podemos deixar de acompanhá-los.

[...] Desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. [...] É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles<sup>31</sup>.

Portanto, a opção pelos pobres faz parte da nossa fé. Jesus assumiu a missão de dar uma boa notícia para os pobres (Lc 4,14-22) e enviou os discípulos para estarem junto a essas pessoas, a fim de ensiná-las e curá-las (Lc 10,1-6). O atual desafio missionário da presença eclesial na periferia tem a mesma gravidade do tempo de Jesus. Para o Papa Francisco é injusto "chamar comunistas a padres e bispos que falam em favor dos mais pobres". Ele disse que "a teologia da pobreza" está "no centro do Evangelho". Francisco assegurou que se um presbítero fizer uma pregação assim, "no dia seguinte nos jornais aparece: "Aquele padre é comunista!. Entretanto, a pobreza está no centro do Evangelho e a pregação sobre a pobreza, no âmago dos ensinamentos de Jesus: 'Bem-aventurados os pobres' é a primeira das Bem-aventuranças"<sup>32</sup>.

Os novos tempos são desafiadores. Deparamo-nos com um horizonte de crises sociopolíticas e religiosas e de ausência de lideranças comprometidas com a vida comunitária, com o bem-comum e, sobretudo, com a vivência da fé. Diante disso, é fundamental ser pastor junto ao povo das ocupações, pois ali estão, infelizmente, os "rostos sofredores" (DAp 407) ou as feições sofredoras de Cristo.

31 EG 198.

32 Disponível em: [www.acidigital.com/noticias/papa-afirma-que-pregar-a-pobreza-nao-e-comunismo-esta-no-centro-do-evangelho-61476](http://www.acidigital.com/noticias/papa-afirma-que-pregar-a-pobreza-nao-e-comunismo-esta-no-centro-do-evangelho-61476).



#### 4 A Ocupação IV

Em 1964, no Brasil, foi criado o Banco Nacional de Habitação (BNH) para financiar a construção de empreendimentos imobiliários. A partir dele desenvolveu-se um órgão denominado Cooperativa Habitacional (COHAB), que beneficiava trabalhadores com baixa renda. Na cidade de Passo Fundo, quatro conjuntos habitacionais surgiram com o apoio desta Cooperativa. Dentro da COHAB surgiu o projeto Pró-Morar, direcionado para as famílias ainda mais pobres. Foi com auxílio deste último programa que nasceu o bairro José Alexandre Zachia, no ano de 1984, cuja origem teve como objetivo oferecer residência fixa a moradores que habitavam os espaços que correm ao longo da viação férrea.

Esses projetos habitacionais não foram suficientes para resolver o problema da moradia na cidade de Passo Fundo, que conta com aproximadamente 200 mil habitantes, mais de 50 ocupações com uma população de 40 a 50 mil pessoas<sup>33</sup>. A beira-trilho, por exemplo, composta por várias ocupações que atravessam a cidade ao lado da ferrovia, é considerada um dos maiores conflitos fundiários urbanos do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Com o passar do tempo, o bairro Zachia – um dos maiores da cidade, com aproximadamente dez mil moradores – tornou-se sede de diversas ocupações, perceptíveis até pelo olhar incauto transeunte, que “adornam” as margens de centros urbanos. A mais recente, denominada “Ocupação IV”, tem cinco anos de existência e está situada sobre um banhado que pertence à Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan), ao lado da BR 285. Nela vivem mais de 300 famílias, provenientes de diversas cidades.

Diariamente, os moradores da Ocupação IV enfrentam

---

33 Marco WEISSHEIMER, *Com mais de 50 ocupações, Passo Fundo vive um dos maiores conflitos fundiários urbanos do RS.*

incalculáveis dificuldades: o drama do desemprego, a fome, não dispõem de água potável, de fossa séptica e de energia elétrica adequada. Como não há coleta de lixo, costumeiramente este é queimado ou jogado em terrenos baldios. Além disso, esses “sem teto” também não têm direito a endereço, a serviços públicos, como saúde, educação, transporte coletivo e saneamento básico. Enfim, morar numa ocupação é estar permanentemente “fora da lei”, viver num verdadeiro exílio social e ser abandonado pelo Estado. De fato, uma das características marcantes em quase todas as ocupações é a ausência do poder público. Para o Governo, pode ser mais interessante que as pessoas fiquem nessa situação a fim de não construir verdadeiras políticas públicas habitacionais. Um morador da Ocupação Bela Vista, de Passo Fundo, relatou:

Temos problemas, mas conseguimos ter uma vida digna aqui. A gente não consegue dormir direito pensando no que pode acontecer amanhã ou depois, com a ameaça de uma máquina vir aqui e destruir nossas casas e tudo o que adquirimos com o maior sacrifício. Estamos tentando fazer o que os nossos governantes não fazem, que é se preocupar com a habitação. Enquanto isso, doam áreas para grandes empresas como ocorre aqui na cidade<sup>34</sup>.

Para enxergar a realidade tal como ela é, é preciso desenvolver a postura de compaixão, colocar-se pessoalmente nos dramas dessas pessoas, romper preconceitos, sair do comodismo e ir ao encontro. Quem visita uma ocupação “de coração aberto”, certamente “[...] sai com a impressão, e talvez a reflexão, de que há outras possibilidades de como viver, e que há outras questões, saberes, afetos e relações [...] acontecendo não muito longe de um tipo de vida que consideravam como o único possível”<sup>35</sup>. Na Ocupação IV há pessoas extremamente

34 Moisés da Cruz FORGIARINI. In: Marco WEISSHEIMER, *Com mais de 50 ocupações, Passo Fundo vive um dos maiores conflitos fundiários urbanos do RS*.

35 Roseli Salette CALDART, *O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo*, p.216.

humanas, acolhedoras, samaritanas e solidárias entre si.

Outro dado que nos chama a atenção é a confiança dos pobres em Deus e na providência divina. Segundo Clodovis Boff, “[...] se o povo é essa humanidade sem voz, que luta e sofre, que enfrenta tudo e aguenta, que se levanta de todas as opressões e fracassos e se reconstrói sem cessar, é porque tem uma fé inabalável [...]”<sup>36</sup>. O Papa Francisco afirmou que “[...] Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida. Ele vive entre os cidadãos [...]. Esta presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada”<sup>37</sup>.

No bairro José Alexandre Zachia existe uma comunidade católica, denominada “Divino Espírito Santo”. A Igreja de Passo Fundo também está presente neste ambiente através da Assistência Social Arquidiocesana Leão XIII, com o seu Centro de Juventude. Nele são realizadas oficinas artísticas de dança, teatro, canto, coral e esporte com crianças e adolescentes. No trabalho pastoral procuramos, sobretudo através das visitas, escutar as pessoas, conviver com elas e fortalecer a esperança de dias melhores. Percebemos que o envolvimento de vários grupos nesta causa (como a Igreja, organizações, associação de bairro, representantes políticos, movimentos sociais e escola) potencializa forças e contribui para que as ações não se esgotem nas relações locais, mas se ampliem em âmbitos maiores, permitindo que a questão seja tratada de forma mais ampla.

Numa ocupação, educar para a sociabilidade é um forte desafio: nós precisamos uns dos outros; quando caminhamos juntos, o medo diminui e somamos forças pela mesma causa. Sabemos que uma grande marca da sociedade capitalista é a absolutização do indivíduo. Por isso, e em contraposição a este modelo, propomos novas relações sociais, centradas no bem

36 *O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje* (parte crítico-analítica), p.121-122.

37 EG 71.

viver coletivo. É necessário fomentar uma dinâmica participativa e de luta justa pela vida, sem aceitar a exclusão como algo inevitável. “As lutas sociais produzem as transformações históricas, e o fazem à medida que conseguem conformar os sujeitos sociais capazes de operá-las e, ainda mais, de consolidar os novos parâmetros de vida em sociedade [...]”<sup>38</sup>. A resistência diante do contexto opressor, mexe com posturas, valores, tradições, visões de mundo e costumes; além disso, ela suscita a reflexão: “cada vez que caem as cercas, a sociedade é obrigada a olhar-se, a discutir o tamanho das desigualdades, o tamanho da opulência e da miséria, o tamanho da fartura e da fome...”<sup>39</sup>. Segundo Roseli Caldart,

É esta participação que humaniza [...]: primeiro no sentido de que devolve à vida social pessoas que estavam dela excluídas [...]; segundo, no sentido de que a pedagogia da luta educa para uma determinada postura diante da vida: *nada é impossível de mudar*, e quanto mais inconformada com o atual estado de coisas mais humana é a pessoa; ou seja, exatamente o contrário da pedagogia da socialização que predomina nos chamados meios educacionais, onde estar em movimento e ter atos de contestação ou rebeldia é sempre visto como “má-educação”<sup>40</sup>.

Nosso trabalho na Ocupação IV também visa fortalecer a mística, ou seja, a relação de amor com Deus Javé, que nos torna sensíveis aos dramas dos outros – especialmente dos oprimidos –, empenhados em nossos trabalhos, profundos, contemplativos e ativos nos projetos por um mundo renovado.

38 Roseli Salette CALDART, *O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo*, p.214.

39 Pedro TIERRA, *apud* Roseli Salette CALDART, *O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo*, p.216.

40 *O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo*, p.213-214.

## Considerações finais: horizonte e perspectivas

O Papa Francisco disse: “[...] as pessoas parecem já não acreditar num futuro feliz nem confiam cegamente num amanhã melhor a partir das condições atuais do mundo [...]. Vislumbram que os caminhos fundamentais [...] são outros”<sup>41</sup>. De fato, não queremos apenas fazer “remendos” novos nos moldes velhos da nossa sociedade; precisamos, antes disso, efetivar mudanças estruturais a fim de acabar com a pobreza.

Existem diversos caminhos que nos ajudam a superar a injustiça e concretizar a proposta de Jesus; um deles, é mobilizar a sociedade para demandar direitos. De fato, temos vários exemplos de ações coletivas em que o Estado se sentiu obrigado a cumprir com suas obrigações, longe de apenas atender aos gritos dos que estão “mais acima” e gozando de certo bem-estar. Também é preciso agir conjuntamente e suscitar lideranças das próprias ocupações, novos sujeitos preparados para trabalhar nesta perspectiva. Isso constitui-se num grande desafio, até porque a vida em diversas ocupações não é dinamizada por movimentos sociais já organizados, que têm experiência nesse trabalho.

Também é preciso investir em políticas públicas que incluam a maior parte dos brasileiros e promovam o desenvolvimento integral do ser humano. É impossível superar as desigualdades sociais, econômicas e políticas enquanto o acesso à terra não for socializado e democratizado.

A Igreja é chamada a pôr-se em movimento de saída, manter a sua missão de entrega aos pobres, centrada em Jesus Cristo<sup>42</sup>, e fazer tudo o que estiver ao seu alcance para concretizar o Reino. A vida cristã necessita basear-se na fé ativa, no amor capaz de sacrifícios e na firme esperança (1Ts 1,3). Este espírito se efetiva em comunidade. “A comunidade, que guarda

---

41 LS 113.

42 EG 97.

os pequenos detalhes do amor, e na qual os membros cuidam uns dos outros e formam um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai<sup>43</sup>. Jesus mostrou a importância de estabelecer relações comunitárias e de interessar-se pelos outros: “Ele se aproximou e começou a caminhar com eles” (Lc 24,15). Nesse sentido, percebemos que os moradores das ocupações precisam formar comunidade e criar momentos para olhar-se, abraçar-se, dialogar e sonhar (Rm 12,10-15).

As celebrações litúrgicas também podem ser espaços privilegiados de libertação e de confronto<sup>44</sup>. Muitos profetas e o próprio Jesus denunciaram veementemente o culto marcado pela hipocrisia, distante do direito e da justiça. A neutralidade política que muitos exigem dos ministros da Igreja, geralmente oculta os conflitos e as contradições sociais, favorecendo a classe dominante. Muitas vezes, é perigoso e alienante alimentar uma espiritualidade puramente intimista, individualista, devocional e emocional, porque a Igreja necessita transformar-se num espaço político, onde a voz dos últimos é ouvida, tanto por seus simpatizantes, quanto por seus críticos. Por isso, é fundamental preparar nossas celebrações e rezar nelas os dramas da realidade. Segundo Elli Benincá, “os crentes que constituem a assembleia [...] se introduzem no mundo do simbólico, onde passam a viver e recriar o seu cotidiano, não mais segundo a experiência individual de cada um, mas de conformidade com a visão teológica de mundo proposta pelos agentes de pastoral”<sup>45</sup>.

É urgente desencadear uma prática pastoral transformadora, provocar encontros, visitas e caminhar como os irmãos e irmãs. A missão é o coração da comunidade. Ela anima a caminhada, provoca reações, fortalece as relações, nos remete ao Mistério e,

43 GE 145.

44 Elli BENINCÁ, *Conflito religioso e práxis: o conflito religioso na ação política dos acampamentos de Encruzilhada Natalino e da Fazenda Annoni*, p.71.

45 *Ibidem*, p. 93

consequentemente, ao compromisso fraterno. A vida ganha um sabor diferente quando nos abrimos ao discipulado missionário, nos doamos e formamos comunidade peregrina, família de Deus.

A partilha é a alma do projeto de Deus realizado por Jesus. É partilhando o que se é (liberdade) e o que se tem (vida) que todos poderão ter acesso à liberdade e à vida. Isso nos mostra como a Eucaristia tem um sentido econômico e político: ela é o sinal do mundo novo, onde as relações de fraternidade e as relações econômicas são norteadas pelo espírito de partilha igualitária<sup>46</sup>.

Descobrir no rosto sofredor dos pobres o próprio Cristo (Mt 25,31-46) é algo que impele todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. A Sagrada Escritura ocupa espaços relevantes nesta missão e fundamenta a conversão, pois faz o coração arder (Lc 24,13-35). Jesus partiu do desconhecido: ..."começando por Moisés...", cultivou o estudo e a meditação da Palavra Divina. Ele fez questão de relembrar e recuperar a história do povo de Deus, que se entrecruza na caminhada com a história humana. Explicando a Palavra, Jesus corrigiu os erros de um messianismo puramente temporal e das ideologias que escravizavam o ser humano.

Atentos às palavras de Jesus, a razão da nossa esperança<sup>47</sup>, animados pela Sua vida, nos engajamos na construção de um novo céu e de uma nova terra (Ap 21,1) pois, como disse Jon Sobrino,

O [...] reino de Deus nunca deixa o homem em paz, porquanto nunca se realiza em plenitude, suas realizações são provisórias e os cristãos devem começar sempre de novo a construí-lo. E, não obstante, nisso o crente encontra o profundo sentido de sua vida e a verdadeira paz na história. É esse empenho histórico que, apesar

46 Ivo STORNILO, *Como ler o evangelho de Lucas*, p.214.

47 Renold. J. BLANK; M. Angéla. VILHENA, *Esperança além da esperança*, p.88.

de tudo, dá maior convicção ao símbolo utópico da ressurreição final, em que Deus será tudo em todos<sup>48</sup>.

## Referências bibliográficas

- As linhas políticas do MTST*. Disponível em: <[www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/](http://www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/)>. Acesso em 15 de dezembro de 2018.
- BENTO XVI. “Discurso na sessão inaugural da V Conferência-Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe”, in: *Palavras do Papa Bento XVI no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BENINCÁ, Elli. *Conflito religioso e práxis: o conflito religioso na ação política dos acampamentos de Encruzilhada Natalino e da Fazenda Annoni*. Passo Fundo: IFIBE; UPF, 2016.
- CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. In: *Estudos Avançados*. vol. 15, n.43. 2001. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000300016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300016)>. Acesso em 15 dez. 2018.
- CAMACHO, Rodrigo Simão. A histórica concentração fundiária do Brasil: estudo de caso do município de Paulicéia/SP. In: *Geografia em questão*, Vol 4, n. 1, 2011. Disponível em: <[e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/viewFile/4439/3663](http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/viewFile/4439/3663)>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.
- CONCILIAR. *Concílio Vaticano II*. 16ª ed. Petrópolis; Vozes, 1983.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Documento de Puebla*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CONGRESSO Nacional do Brasil. *Assembleia Constituinte*. 5 de outubro de 1988. Brasília, Brasil.
- FERRARO, Benedito. Opção pelos pobres no Documento de Aparecida. In: *Revista Vida Pastoral*, novembro-dezembro de 2007 (p.10-14).
- FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulus, 2018.
- GALLARDO, Carlos Bravo. Mateus: Boas-Novas para os pobres-perseguidos. *Ribla*, 13, Petrópolis: Vozes, p.27-39, 1993.
- GALLAZZI, Sandro. Felizes os pobres em Espírito. *Estudos bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n.45, p.31-36, 1995.

48 Jon Sobrino, *Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos*, p.156-157.



GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Os pobres como perspectiva em Medellín. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v.78, n.309, Petrópolis: Vozes, 2018.

LOPES, Eliano Sérgio Azevedo. *A reforma agrária no Brasil: um velho problema, esperando uma solução que nunca chega?* Disponível em: <[www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=2724:a-reforma-agraria-no-brasil-um-velho-problema-esperando-uma-solucao-que-nunca-chega&Itemid=414](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=2724:a-reforma-agraria-no-brasil-um-velho-problema-esperando-uma-solucao-que-nunca-chega&Itemid=414)>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

MESTERS, Frei Carlos. “Ouvi o clamor do meu povo!” – Estudos bíblicos de Mt 5–9. *Estudos bíblicos*, n.26, p.61-69, Petrópolis: Vozes, 1990.

MOREIRA, Gilvander. Concentração fundiária no Brasil: por quê? In: *Revista IHU On-line*. Disponível em: <[www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576943-concentracao-fundiaria-no-brasil-por-que](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576943-concentracao-fundiaria-no-brasil-por-que)>. Acesso em: 20 de março de 2019.

ODILLA, Fernanda, PASSARINHO Nathalia e BARRUCHO, Luís. Brasil tem 6,9 milhões de famílias sem casa e 6 milhões de imóveis vazios, diz urbanista. In: *BBC Brasil*. Disponível em: <[www.bbc.com/portuguese/brasil-44028774](http://www.bbc.com/portuguese/brasil-44028774)>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)*. Resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas. Paris em 10 de dezembro de 1948.

*Papa afirma que pregar a pobreza não é comunismo: Está no centro do Evangelho*. Disponível em: <[www.acidigital.com/noticias/papa-afirma-que-pregar-a-pobreza-nao-e-comunismo-esta-no-centro-do-evangelho-61476](http://www.acidigital.com/noticias/papa-afirma-que-pregar-a-pobreza-nao-e-comunismo-esta-no-centro-do-evangelho-61476)>. Acesso em 7/2/2019.

PINA, Rute. No Brasil, 2 mil latifúndios ocupam área maior que 4 milhões de propriedades rurais: nova edição do Censo Agropecuário atualizou dados do Brasil agrário; arrendamento de terras dobrou em 11 anos. In: *Brasil de Fato*. Disponível em: <[www.brasildefato.com.br/2018/07/26/no-brasil-2-mil-latifundios-ocupam-area-maior-que-4-milhoes-de-propriedades-rurais/](http://www.brasildefato.com.br/2018/07/26/no-brasil-2-mil-latifundios-ocupam-area-maior-que-4-milhoes-de-propriedades-rurais/)>. Acesso em 1 de novembro de 2018.

ROSA, Ana Beatriz. Raquel Rolnik: '*A política habitacional no Brasil é uma verdadeira tragédia*'. Disponível em: <[www.huffpostbrasil.com/2018/05/02/raquel-rolnik-a-politica-habitacional-no-brasil-e-uma-verdadeira-tragedia\\_a\\_23425552/](http://www.huffpostbrasil.com/2018/05/02/raquel-rolnik-a-politica-habitacional-no-brasil-e-uma-verdadeira-tragedia_a_23425552/)>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

SANDER, Marcos Luis. *Jesus o libertador: a cristologia da libertação de Leonardo Boff*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1992.

STORNILOLO, Ivo. *Como ler o evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1992.

WEISSHEIMER, Marco. Com mais de 50 ocupações, Passo Fundo vive um dos maiores conflitos fundiários urbanos do RS. Disponível em: [www.sul21.com.br/cidades/2017/07/com-mais-de-50-ocupacoes-passo-fundo-vive-um-dos-maiores-conflitos-fundiarios-urbanos-do-rs/](http://www.sul21.com.br/cidades/2017/07/com-mais-de-50-ocupacoes-passo-fundo-vive-um-dos-maiores-conflitos-fundiarios-urbanos-do-rs/). Acesso em 20 de janeiro de 2019.